

*No. 12001*

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 122

---

**Um prisioneiro de guerra francez  
em Alemanha**

*Col. 2*

PUBLICADA PELO

**Bureau da Imprensa Britanica em Lisboa**



---

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

—  
1918



## Um prisioneiro de guerra francez em Alemanha

---

Os prisioneiros de guerra serão tratados com humanidade.

O Estado poderá empregar, segundo as suas categorias e a sua capacidade, os prisioneiros de guerra, excepto os officiais. O trabalho não será excessivo nem terá ligação com as operações militares.

*(Convenção da Haya.)*

As Convenções da Haya e de Genebra não são dos menos importantes «farrapos de papel» que a Alemanha tem reduzido a fragmentos desde que violou a Belgica no primeiro dia da guerra.

As convenções da Haya são acordos internacionais que teem por fim suavisar os horrores da guerra. As nações amantes da paz compreenderam nos intervalos das guerras que a guerra é um mal terrivel e esperavam por meio de compromissos solenes pôr diques ás peores fases duma guerra barbara. Estas convenções foram aceitas pelos plenipotenciarios das principais nações do mundo.

Contudo, ainda que a Alemanha enviava os seus representantes a afixava a sua assinatura, fazia-o sem a aprovação do Estado Maior General do exercito alemão para quem uma guerra humanitaria não passava de sentimentalismo nevrotico. Tais sentimentos estão, segundo declaram os autores officiais do Livro de Guerra Alemão, em contradição flagrante com a natureza e o fim da guerra.

As citações que encimam este artigo são tiradas do segundo capitulo do Anexo da Convenção que foi assinada em 28 de outubro de 1907 na Haya, e retificada mais tarde por vinte e cinco Estados que incluíam a Alemanha, os seus aliados e os seus adversarios. O preambulo desta Convenção diz o seguinte :

«As Ilustres Partes Contratantes teem como util declarar que... os beligerantes permanecem sob a protecção e o governo dos principios que regem as leis das nações e que derivam dos usos estabelecidos entre povos civilizados, das leis da humanidade e dos dictames da consciencia publica.»

Que valor tem para a Alemanha em estado de guerra as promessas feitas pela Alemanha em estado de paz ?

O mundo já sabe alguma coisa sobre o tratamento que ella tem dispensado aos prisioneiros de guerra. Tem-se recolhido ultimamente testemunho de primeira mão do modo por que está empregando os prisioneiros de guerra em operações militares na zona do fogo, desprezando abertamente a promessa acima citada. O que

segue é extraído dum relatório assinado e atestado sob juramento por um oficial inferior francez, hoje felizmente saído das garras do inimigo. (As autoridades competentes estão de posse do seu depoimento, nome e regimento; publicá-los-hão por extenso quando fôr tempo oportuno):

«... Em Darmstadt estávamos reunidos ao todo uns 2.000 e divididos em quatro grupos... O meu grupo saiu de Darmstadt a 8 de fevereiro de 1917, sem conhecer o seu destino; o comandante do campo assegurou-nos que nos mandavam para a Baviera, onde nos esperavam as nossas remessas e cartas. Depois duma jornada de 36 horas descemos em Charency (Meuse), onde dormimos em barracas que tinham sido ocupadas pelos russos. Inútil é dizer que não tivemos alimento nenhum a não ser 400 gramas de pão que nos foi distribuído em Darmstadt. No dia seguinte ás 5 horas saímos de Charency e por fim, depois duma marcha de 35 quilómetros chegámos a Flabas, pequena aldeia a 17 quilómetros de Verdun. Ali ficámos encarcerados em duas barracas incompletas onde penetrava o vento por todos os lados; a neve que cobria o solo era a mesma que ali jazia antes de se começar a construção...

De madrugada e sem alimentação fomos enviados em pequenos grupos cortar árvores para lenha. Só á tarde nos foi fornecida uma pequena porção de sopa feita de nabos gelados e uma bebida chamada café...

Durante a primeira semana trabalhámos a

uns cinco quilometros do front no calcetamento das estradas... No oitavo dia mandaram-nos trabalhar para a primeira linha de trincheiras onde a nossa guarda era feita pelos soldados do front que nos vinham buscar de manhã e nos reconduziam á noite. Da primeira vez foi na região de Chambrettes onde nos mandaram cavar uma trincheira que já estava delineada.

Ao principio recusámos fazer este serviço; sem duvida fôramos tidos como trabalhadores inimigos pois das linhas francezas fomos alvo de meia em meia hora de tres descargas de projecteis, os quais felizmente não feriram ninguem. Assim que cessou o fogo puzemo-nos a cavar a trincheira afim de obtermos um abrigo. No segundo dia voltámos ao mesmo lugar... e não tivemos baixas. Porém no terceiro dia a sorte foi-nos contraria. Mal chegamos ao ponto quando o fogo começou, matando tres e ferindo seis do nosso grupo. Enterrámo-los ali mesmo. A' tarde tivemos só uma vitima a qual porém não pudemos enterrar. Esta scena repetia-se todos os dias; raro era o dia que passava sem uma ou mais vitimas.

Outros grupos de prisioneiros foram mandados trabalhar nas baterias onde tinham de cavar abrigos ou de abrir trincheiras que serviam de comunicação entre as baterias. Aconteceu de vez em quando — eu mesmo o presenciei por duas vezes — que os alemães obrigavam os prisioneiros francezes a fazer o serviço das peças, transportando, sob pena de morte, os projecteis dos camions ás peças. Nada vos direi das bruta-

lidades a que tivemos de nos submeter — maus tratos, insultos... Contudo a nossa situação não era nada comparada á dos 600 prisioneiros francezes capturados por esse tempo no front de Verdun. Assim que chegaram esses infelizes foram obrigados a rodearem-se com uma defeza de arame farpado e de construir uma barraca cuja capacidade maxima era para 100 homens. Ali tiveram de passar a noite, apertados uns contra os outros, sem possibilidade de remover o fato ou as botas nem de estender as pernas; dormiam como podiam, os mais felizes sentados ou agachados. O solo estava coberto com uma grossa camada de neve gelada, porém esta, por efeito do calor emitido por tanta gente junta, converteu-se num lôdo liquido e pegajoso. Esta desgraçada gente chegou a Flabas a 26 de fevereiro e quando eu saí de lá em 22 de março achava-se ainda na mesma situação...

Ao concluir este relatorio que certifico ser verdadeiro e que estou pronto a atestar perante todo e qualquer, seria acto de ingratição não reconhecer o auxilio que nos deram durante este periodo de sofrimentos, varios soldados alemães do front. As nossas guardas habituais, vindas do interior da Alemanha, tratavam-nos sempre com as maiores brutalidades; porém a alguns de entre os soldados e particularmente os artilheiros devemos a vida, pois até se privavam para nos dar alimento.»



